



S A C I

ROGERIO SANSEVERO

SUMÁRIO

03

Capítulo I – Histórias do Saci

19

Capítulo II – Seres encantados da natureza

24

Capítulo III – A volta do além

34

Capítulo IV – Sequestro

37

Capítulo V – A libertação

44

Capítulo VI – A derrocada do mal

Capítulo I – Histórias do saci

Sob a copa fechada das árvores, na plácida obscuridade, vez ou outra afugentada por furtivos raios de luz entre as folhas, em passos lentos e precavidos à difusa visão do caminho, seguia extasiado pelos encantos plasmados nos requintes da floresta.

À medida que me embrenhava na selva, o sol, plácido na imensidão azul do céu, apenas pressentia pela débil claridade que dispersava pelos caminhos, como noite enluarada. E os espaços, intensamente concorridos da exuberante vegetação, iam se tornando barreiras intransponíveis ao avanço, somente vencidos pela força, inteligência e astúcia guiadas pela persistência.

O bálsamo delicado da verde mata pensava as feridas de minha alma, na quietude apenas contrariada pelo arrebatador canto do capitão da mata e o guinchar de macacos na imensidão.

Bromélias, orquídeas, helicônias, outras plantinhas delicadas e os cipós entrelaçados que sobem pelas árvores rumo às alturas; incontáveis espécimes de aves, mamíferos, répteis e insetos; a maior biodiversidade do mundo, refletindo toda a grandeza do Criador no império da harmonia e da pureza, ali, em comunhão ao Universo, guardavam lições de sabedoria para orientar e auxiliar a Humanidade.

Penetrava a floresta, milenar depositária dos segredos do tempo, por veredas intocadas da repulsiva atmosfera do homem de pés de barro, cabeça vazia e coração de pedra. E nas profundezas da mata, meus olhos recolhiam de um espelho d'água a inocência e a coragem do índio cercado de gigantes centenários em trajes de madeira e da paz derramada do silêncio, livre para correr ao encontro de mil aventuras.

O guerreiro destemido despertava à sintonia do espírito ao pulsar da vida selvagem, e devolvia um sorriso aos meus

lábios, arco e flechas às minhas mãos, cintilar de estrelas aos olhos, coragem a toda prova ao peito e asas aos pés. Peregrino dos caminhos incertos e imprevisíveis, a força, agilidade e herança do índio incendiavam-me com a segurança de sair ileso, ainda que contando com poucos e preciosos arranhões, troféus a assinalar a valentia dos embates.

Na selva de concreto e aço, houve um tempo em que conheci os costumes, hábitos, cultura e religiões dos napês, os não yanomami, tendo até mesmo frequentado suas escolas, mas, nas andanças por aquele mundo, descobri que muitos homens civilizados mantêm enclausurados na alma tristes seres humanos, aguardando vir à luz para inaugurar a paz, o respeito e a compreensão tão precários naqueles sítios. Também, daquela experiência, vi nascer a certeza indelével de que meu lugar é aqui, na floresta mágica...

Não demorou em a onça pintada e o saci pererê se aproximar secretamente, contudo não ocultos aos outros animais que se calavam, revelando a aproximação de iminente perigo.

No silêncio da floresta, os ruídos de sorrateiros passos nas folhas e galhos secos espalhados pelo chão me alertavam e, em poucos instantes, entrevi o terrível felino que se preparava para o bote. Mas, à visão da ameaçadora e inflexível flecha assestada, em sua direção, do arco retesado por minhas mãos, a onça titubeou e escolheu ir à busca de presa mais despreparada para resistir ao seu ataque.

O saci, por sua vez, de caráter zombeteiro, preveniu-me de sua presença com a incontida gargalhada que detonou diante da covardia da fera. Quanto a esse, sempre levava comigo bom bocado de fumo para seu cachimbo, para abrandá-lo, caso o encontrasse, livrando-me assim de suas traquinagens, causas de tanta dor de cabeça.

Preparei cuidadosa fogueira feita de galhos secos, ateei fogo com que preparar o que caçara e lhe estendi a atraente prenda que mais gostava. O saci, se fazendo visível, com aquela assustadora aparência capaz de gelar o sangue de qualquer filho de Deus, ainda que com certa relutância, sucumbiu à visão de minha oferenda, e veio, pulando com sua perna só, sentar-se ao redor da fogueira.

Logo mais, o cachimbo da paz passava de mão em mão, selando o armistício entre nós e a conversa animava-se, por cenário a densa e úmida floresta, iluminada pelo crepitar do fogo.

O peralta do saci, bom de prosa, contava em minúcias suas travessuras, repletas de astúcia, revelando ardis de que lançava mão nas safadezas que sempre culminavam em problemas para suas vítimas. Eu caía na gargalhada das suas hilariantes histórias e o incentivava a contar mais, pois assim, ciente das artimanhas de que se utilizava, em eventual confronto, estaria prevenido, mais bem preparado.

Os rolos de fumaça das baforadas que tirávamos ao cachimbo, o calor da lenha queimando, a pequena caça ao fogo, a boa prosa, despertavam vontade de ali ficar por muito tempo, mas outros horizontes me aguardavam. Despedi-me do saci pererê quando a coruja prenunciava o anoitecer...

O instinto selvagem e milenar do índio, adormecido em meu espírito, despertava, interpretando os sinais exuberantes da natureza, guiando-me por atalhos ocultos na selva em passos ligeiros e resolutos à linda Amana, em tupi-guarani "a água que vem do céu", de lembrança persistente qual sereno da noite. Minha índia de cabelos negros como noite sem luar, olhos mansos e misteriosos da onça pintada, corpo delgado como a palmeira, perfume da terra molhada pela chuva, os encantos de Iara a vestiam de festa.

Desde quando Amana veio morar em meus olhos, minha paz repousa em seu regaço, a alegria em seu sorriso, a vida em seu hálito.

A mente, povoada das histórias recentes do saci, fervilhava das peripécias do endiabrado Yaci-Yaterê. Da vez que não deu tréguas a dois inescrupulosos caçadores, Tatu e Pedrão — desses que matam desnecessariamente os animais, não poupando nem mesmo as fêmeas prenhes e os filhotes indefesos. Eles estavam à procura de troféus de caça, entre os quais, o maior, a onça-pintada, cuja pele seria o tapete com que presenteariam seu patrão, Dr. Balança, prefeito de Água Funda, cidade fronteira aos seus domínios. Dr. Balança, considerado por seus empregados, Tatu e Pedrão, homem honesto e de bom coração, colecionava animais empalhados e peles de animais selvagens, com que decorava os aposentos da fazenda de que era proprietário.

Os desalmados invadiram os domínios do Saci, sem sequer pedir-lhe permissão, em uma clara demonstração de desrespeito. O Saci, ferido em seus brios, não deixaria passar em brancas nuvens tamanha temeridade e, assim, atormentava-os com assovios e cutucões aplicados nas costelas, despertando-os sempre que o irresistível sono os dominava após longas horas de vigília.

Na ocasião, o Saci, invisível, nem por um instante deixou-se ver por suas vítimas que, desfeitas as suspeitas que a princípio alimentam reciprocamente, rezavam todas as orações conhecidas e até algumas inventadas no desespero de resguardar-se daquele pesadelo.

Permitia que dormissem os infratores das leis da selva, mas apenas o suficiente para a execução de suas malvadezas: colocava açúcar na comida dos caçadores, atizando a dúvida e a ira do que não preparara a refeição, Pedrão, quanto à lucidez do

cozinheiro Tatu; trocava de lugar objetos de uso pessoal, alimentando a discórdia entre eles; e, pouco a pouco, sem pressa alguma, saboreando lentamente a aflição de suas vítimas, fazia desaparecer um a um seus pertences, primeiramente a bota do pé direito de um deles, seguida da bota do pé esquerdo do outro, estendendo sucessivamente o mesmo procedimento à munição, armas, roupas e mantimentos.

O tormento assumiu proporções insustentáveis quando ao Saci se juntou o Curupira, outro protetor das florestas, conhecido pela impiedade com que trata aqueles que caçam unicamente por prazer e os madeireiros ambiciosos e indiferentes à importância das matas na sustentação da vida.

Parecido a um menino ruivo, o Curupira usava o recurso de seus pés ao avesso, com os calcanhares para frente, para confundir os caçadores que passaram a persegui-lo, crendo ser um indefeso curumim o autor de seus padecimentos.

Em poucos dias, os infelizes encontravam-se perdidos na selva, ocasião em que o Curupira criava encantamentos, imagens ilusórias e assustadoras, como a de uma aterradora anaconda ou a de gigantesco macaco, para amedrontá-los e atordoá-los, ao passo que o saci dava sequência ao que de melhor sabia fazer.

Exaustos, insones, famintos, sedentos, quase nus, próximos à insanidade mental, desprovidos de direção, quase sem nenhum armamento e munição, por pura sorte os caçadores encontraram um riacho para acender a esperança de retorno ao mundo do napë, o não yanomami. Mais dois dias se passariam até eles poderem gritar: “Estamos de volta à civilização. Terminou o suplício”.

De outra feita, essa mais recente, como o próprio saci assegurava, o travesso, rodopiando feito pião, gerou avassalador redemoinho, retirando, assim, das mãos gordas do prefeito de

Água Funda, as folhas de papel impressas com o discurso que pronunciava de cima de um caminhão, em que enaltecia os excelentes serviços públicos de sua gestão, destacando as melhorias nos setores da saúde e da educação.

Candidato à reeleição, o avantajado prefeito Brando Balança, desequilibrou-se ao tentar apanhar as folhas esvoaçantes que lhe escapavam, caindo sobre Dona Alminha, frágil senhorinha que assistia ao comício debaixo do palanque improvisado.

O surdo impacto, ouvido ao longe, dava as dimensões da tragédia, inspirando preocupação e consternação ao povo, além de providências inadiáveis.

— Ajudem-me a tirar o prefeito de cima de Dona Alminha, ela precisa respirar — implorava auxílio para o que sozinho não conseguiria realizar, dado o grande peso de Dr. Balança, uma das testemunhas do episódio, o farmacêutico Dr. Teofrasco.

O prefeito, auxiliado por quatro homens, levantou-se assustado, porém desembaraçado, como se nada sofresse na queda amortecida; em contrapartida, seu excessivo volume esmagara a pobre e franzina mulher ao chão, qual ser fora uma panqueca, fazendo dela a detentora das atenções e cuidados.

Respondendo favoravelmente aos primeiros socorros prestados pelo Dr. Teofrasco, Dona Alminha voltava a respirar, embora ainda inconsciente.

Água Funda não possuía recursos médicos necessários para atendimento à população, então uma maca foi improvisada por funcionários da Prefeitura a pedido do secretário da Saúde.

O Dr. Balança determinou ao seu motorista particular a condução da acidentada à cidade vizinha e solicitou ao Dr. Teofrasco que a acompanhasse, dispensando-lhe todos os cuidados necessários.

Alguns minutos se passariam até a chegada do ônibus escolar à praça, onde a angústia era patente entre os parentes e amigos de Dona Alminha.

— No ônibus, ela vai mais confortável — Joaquim, o motorista do prefeito, justificava sua escolha, astuciosamente encobrendo a verdade de que o município não dispunha de ambulância.

— Ajudem a remover a paciente até à condução — gritava Dr. Balança.

— Aí está um autêntico e insofismável exemplo de opressão política à classe mais desfavorecida — berrava, entre a multidão, o candidato da oposição, Zé Grilo, que, informado por prestativos correligionários dos fatídicos acontecimentos, deixara sua casa, às pressas, acompanhado por uma multidão, em passos acelerados à praça.

— Apoiado, muito bem — gritavam seus simpatizantes.

Zé Grilo se considerava culto e competente para exercer a defesa dos legítimos interesses da população, um autêntico homem do povo e, à apressada saída do Dr. Balança daquele lamentável cenário, não se fez de rogado e foi oferecer amparo aos parentes da desafortunada mulher, bem como se aliar ao sofrimento deles.

— Coitada da Dona Alminha, coitada da Dona Alminha, coitada da Dona Alminha... — Mandraque, um inveterado bêbado daquele lugar, repetia, incansavelmente, em altos brados, e chorava copiosamente, desconsolado, sentado ao chão da praça.

— Um homem do porte do Dr. Balança jamais deveria subir à carroceria de um caminhão, tendo abaixo dele inocentes cidadãos. Penso tratar-se de um crime culposo, resultado de sua imprudência, passível de processo judicial — o único advogado da cidade, Dr. Hermenegildo, prevendo eventual lucro no

desdobramento do caso junto aos tribunais, sussurrava ao ouvido de Zé Grilo, precaução indispensável para conservar a imparcialidade aos olhos de todos e manter o prestígio que gozava em ambos os lados.

— E o Dr. Balança o processa por discriminação contra os gordos — ameaçava um partidário de Dr. Balança que ouvira a confidência, dado sua proximidade e bons ouvidos.

— Por favor, você não entendeu o que disse ao Zé Grilo — remendava Dr. Hermenegildo, entretanto sem resultado, pois o homem de boa audição, embora se retirasse apressadamente por temer represália dos atentos militantes de Zé Grilo, ainda assim, ousadamente, à distância e em alta voz, o acusava de ser vira-casaca.

O lado mais comovedor da tragicômica história era o fato da acidentada exigir urgente remoção à outra cidade por falta de atendimento médico naquela comarca, o que despertou a revolta dos opositores do Dr. Balança, dando lugar a acaloradas discussões.

A cidadezinha estava em polvorosa, os bares rapidamente se encheram de fregueses ávidos por detalhes e notícias do incidente, mas à medida que o teor alcoólico subia, os bebedores se exaltavam e a polícia tinha que intervir para evitar males maiores.

As senhoras da sociedade telefonavam umas às outras, igualmente munindo-se de informações e trocando impressões sobre o caso que tirara a cidade da monotonia.

— Dessa, certamente, ela não escapa — afirmava Virgília da Luz, esposa do Ernesto, agente funerário da cidade.

— Não sei, não. Dona Alminha tem ossos fortes — replicava Dona Certa Orinha, viúva do relojoeiro Acriso Lando.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

